



Cooperação Internacional Interuniversitária: O Caso da UFSC.

Autores:

Álvaro José de Souto – Mestrando do Curso de Administração da UFSC.

José Nilson Reinert – Professor do Curso de Mestrado em Administração da UFSC.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma discussão preliminar sobre a importância da cooperação internacional interuniversitária e analisar a situação atual da cooperação acadêmica internacional na Universidade Federal de Santa Catarina.

Considerada parte integrante da política de um país, a cooperação internacional é a expressão de um trabalho conjunto entre nações, visando contribuir e operar na busca de objetivos de interesse para todos os participantes envolvidos. O bom gerenciamento do serviço de cooperação acadêmica internacional tem grande significado, para otimizar suas possibilidades e viabilizar um excelente aproveitamento por parte da comunidade universitária.

Ao final do artigo é apresentado um estudo de caso da cooperação acadêmica internacional na Universidade Federal de Santa Catarina, quando nasceu, como, com quais países possui convênios, com quem efetivamente faz, a evolução e as novas perspectivas.

Palavras chaves: Educação, Universidades, Cooperação Acadêmica Internacional.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização, o mundo não admite mais uma postura de isolamento. O intercâmbio cultural científico e tecnológico é importante e necessário a todos: países, pessoas e, principalmente, Universidades, formadoras de opinião e propulsoras do conhecimento universal. Deste modo, devido sua destacada importância, a cooperação internacional interuniversitária deve ser foco de estudos e aprimoramento.

Considerada parte integrante da política de um país, a cooperação internacional é a expressão de um trabalho conjunto entre nações, visando contribuir e operar na busca de objetivos de interesse para todos os participantes envolvidos. Segundo Gouveia (*apud* MARCOVITCH e BEIRÃO, 1993), cabe à Universidade utilizar-se dessa cooperação para atuar de forma mais eficiente como promotora do desenvolvimento científico e tecnológico de seu país.

Segundo Teodósio (*apud* MARCOVITCH; BEIRÃO, 1993, p. 110),

a universidade, considerada a mais elevada estrutura da sociedade, tem como verdadeiro papel “nutrir” o meio social com o que existe de mais novo e atual na área de conhecimento e também com o que é de mais útil para cada um dos setores da comunidade. Deste modo, ela atuará melhorando a qualidade de vida da população no que tange a saúde, cultura, arte, literatura, poesia, música, paz, compreensão e ajuda mútua entre os homens. A condição para esse papel nutridor e de transformação é a interação com o meio social, através de uma relação tão íntima, que os problemas da sociedade venham a se transformar nos próprios problemas e desafios da universidade.

O serviço de cooperação internacional interuniversitário deve ser administrado de forma eficaz e dinâmica, para explorar e otimizar seus benefícios, em função de toda a comunidade acadêmica. Nas palavras de Vilela (*apud* O diálogo e a cooperação entre as Universidades do MERCOSUL, 1994, p.16),

é função da universidade manter contato, intercambiar informações, receber estudantes e professores de outras universidades, encaminhar os seus estudantes e professores para outras universidades, manter-se constantemente aberta para o máximo de oxigenação de idéias e para o melhor procedimento democrático.

O mercado de trabalho tem se mostrado muito competitivo, o que faz com que a obtenção do diploma universitário não seja mais suficiente para um bom exercício profissional. Atualmente para as vagas mais disputadas, exige-se pessoas com ampla cultura geral, nacional e internacional. Para ser valorizado, o candidato a um bom cargo deve falar línguas estrangeiras, de preferência inglês ou espanhol, e ter uma ampla visão do que é o mundo internacionalizado, ou seja, um profissional atualizado, que um intercâmbio certamente poderá ajudar a formar.

As universidades brasileiras têm desenvolvido papel bastante importante no que diz respeito ao intercâmbio acadêmico. No final dos anos 80 e início dos 90, surgem novos setores em diferentes tipos de organizações, que nascem junto aos recentes paradigmas. Setores como as Assessorias Internacionais nascem, para auxiliar e se conectar às constantes da globalização. Nesta época, muitas Universidades brasileiras criaram tal setor, passando, assim, a ter estrutura para cooperação direta, que até então era privilégio de órgãos oficiais como o governo e seus ministérios.

1.1 Objetivo

1.1.1 Geral

Analisar a situação atual da Cooperação Acadêmica Internacional na Universidade Federal de Santa Catarina.

1.1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar os Programas de Cooperação Acadêmica Internacional da Universidade Federal de Santa Catarina (o que faz?);
- Verificar de que forma a Universidade Federal de Santa Catarina está fazendo Cooperação Acadêmica Internacional (como faz?);
- Verificar com quais países a UFSC mantém Cooperação Acadêmica Internacional (com quem faz?).
- Verificar quando a UFSC começou seus Programas de Cooperação Acadêmica Internacional (desde quando faz?);
- Verificar qual retorno, a Cooperação Acadêmica Internacional tem trazido para a comunidade universitária.

1.2 Justificativa

A cooperação acadêmica internacional constitui um importante instrumento para

fortalecer o ensino e a pesquisa dos centros de ensino superior. Por meio dos programas e projetos de cooperação, são socializados e transferidos conhecimentos, experiências e tecnologia que enriquecem a ação universitária e imprimem, muitas vezes, um importante diferencial na formação profissional dos acadêmicos, professores e funcionários que integram a comunidade universitária. Os esforços da cooperação internacional são desenvolvidos na perspectiva de promover um salto qualitativo, dentro das instituições participantes, bem como impactos significativos na população beneficiária.

O serviço de cooperação acadêmica internacional deve ser administrado de forma eficaz e dinâmica, para explorar e otimizar seus benefícios, em função de toda a comunidade acadêmica.

1.3 Procedimentos Metodológicos

1.3.1 Caracterização da Pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito um estudo de caso, de natureza predominantemente quantitativa. Este estudo caracteriza-se fundamentalmente como descritivo, pois busca descrever as situações e eventos observados.

1.3.2 Delimitação do estudo

O estudo completo será realizado nas doze Universidades Catarinenses, sendo elas, uma federal, uma estadual e dez fundacionais. No entanto, neste artigo, a pesquisa se aplica somente na Universidade Federal de Santa Catarina. A escolha da UFSC como primeira Universidade a ser pesquisada e utilizada como piloto da pesquisa, se deu de forma aleatória pelo critério da acessibilidade.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O Ensino Superior no Século XXI

Analisando as transformações pelas quais passa a Universidade contemporânea, que estão ligadas às profundas mudanças de conceitos, como os de conhecimento e cultura, pode-se focar o processo de cooperação interuniversitária como um elemento particularmente novo na construção desses conceitos renovados.

Pode-se dizer que a cooperação internacional entre Universidades trata, especialmente, da transferência e da utilização do conhecimento como método capaz de criar novos conhecimentos. É um processo dinâmico que muda substancialmente o potencial da Universidade.

A Universidade é o lugar onde, normalmente, os conhecimentos são produzidos, para serem, posteriormente, socializados. Atualmente, observa-se um rápido e significativo crescimento da educação superior em todo o mundo, contribuindo para a melhoria do nível educativo, econômico, social e humano. Porém, o aumento do número de estudantes e o incremento das demandas e expectativas em relação à educação superior não correspondem ao incremento necessário dos recursos destinados a desenvolver adequadamente suas capacidades.

Segundo Chermann (1999, p.46):

o papel da gestão da cooperação internacional na universidade passa pelo conhecimento desse contexto mundial para melhor inserção de suas comunidades acadêmicas, cada qual com suas características, sejam elas tecnológicas, humanísticas, ou, particularmente, na área médica. É fundamental o respeito às diferentes tradições, sem o qual não há integração.

Pode-se compreender, então, o interesse e a necessidade da inserção das instituições educacionais no âmbito internacional, pelo desafio que o fenômeno da globalização impõe à civilização. Assim como esse fenômeno instigante aponta para a tendência de cooperação, não se deve esquecer, no entanto, as características históricas de cada nação, que determinam sua relação particular no processo de globalização.

Em relação à análise das relações internacionais quanto à mobilidade acadêmica, observa-se que quem mais recebe estudantes no mundo são os Estados Unidos, 2/3 dos estudantes da América Latina, por exemplo. Depois dos Estados Unidos, a França, a Alemanha, o Reino Unido e a Rússia são os que recebem parcela mais significativa de estudantes. Grandes contingentes de estudantes se deslocam da África para Austrália e Japão, da Ásia para Estados Unidos e Europa, por exemplo. Em termos de região, a Europa é a região de maior densidade de estudantes estrangeiros. (CHERMANN, 1999).

Como se pode observar, as regiões mais ricas e desenvolvidas do mundo possuem grande índice de cooperação interuniversitária internacional. A busca por diferentes posicionamentos, idéias e argumentos trazem, sem dúvida, enriquecimento e evolução de países e regiões.

A necessidade de milhões de estudantes, em todo o mundo, de aprender mais sobre diferentes culturas, de viver o mundo globalizado, enfim de internacionalizar-se, leva as Universidades, atualmente, à melhoria de seus programas de estudo e à convalidação de títulos e de carreiras. O fato de estudantes terem a oportunidade de se formarem ou estudarem alguns semestres em outros países, também provoca um efeito interativo de culturas, conhecimentos e idiomas, o que é fundamental nos processos de integração.

Como cita Kennan e Vallé (1994), a internacionalização da Universidade significa que as disciplinas sejam dadas num contexto mundial e não somente nacional e regional, que um número cada vez maior de estudantes se graduem com ampla cultura internacional e com capacidade para cooperar e competir no mercado internacional de idéias e comércio.

A internacionalização da cooperação interinstitucional universitária pode enriquecer a vida cultural de qualquer região, através das várias atividades possíveis de extensão, tais como, seminários, conferências, simpósios e colóquios de abrangência internacional com participação de visitantes (professores e estudantes) de outros países. O governo, em todos os níveis, também necessitará da ajuda da Universidade para poder participar em igualdade de condições no contexto internacional. (KENNAN; VALLEÉ, 1994).

Como ressalta Luna (2000), a dimensão internacional registra crescente necessidade de compreensão intercultural e lingüística, que venha a gerar, não só uma consciência favorável aos processos de integração, mas, também, o fortalecimento das capacidades nacionais e regionais. Segundo o autor, o documento da UNESCO refere-se a essa discussão, alegando que:

o saber sendo universal, sua busca, seu avanço e sua difusão não podem ser alcançados senão graças ao esforço coletivo da comunidade universitária internacional; é isso que confere uma dimensão internacional intrínseca à vida e às instituições universitárias (...) se o saber é universal, sua aplicação é habitualmente local. O ensino superior é tributário da coletividade local na qual se insere e responsável por ela. Essa presença local é parte integrante da missão de serviço da

universidade ou de qualquer outro estabelecimento de ensino superior. Mas, ao mesmo tempo em que desejam ampliar sua pertinência no plano local, os estabelecimentos deveriam igualmente fortalecer sua presença no cenário internacional, buscando ativamente soluções para os diversos problemas científicos, educacionais e culturais que envolvem o conjunto da sociedade. (LUNA, 2000, p.4).

Se o saber é universal, deve-se buscá-lo de forma multilateral e coletiva, de forma a atingir diferentes países e diferentes atores universitários, ou seja, professores, estudantes, funcionários e gestores. A comunidade universitária internacional deve estar atenta a toda e qualquer mudança nacional ou internacional, que possa modificar o conhecimento e a cultura de seu meio.

2.2 Redes Universitárias

Um dos importantes meios de cooperação internacional entre as Universidades se dá através de convênio conjunto entre duas ou mais universidades, o que se caracteriza uma rede.

A Universidade, no limiar deste novo século, precisa se adaptar a uma nova ordem mundial que aponta para parcerias, para ajustes estruturais que sustentem seu futuro e para o conhecimento de outras culturas que permitam uma visão ampla, não só de seu próprio contexto, mas de um contexto mundial.

Chermann (1999, p.50), destaca que:

A cooperação internacional entre academias é uma prática há muito tempo desenvolvida, com ações esporádicas, acordos bilaterais ou contatos com pesquisadores de diferentes instituições do mundo, muitas vezes, sem a ciência da própria universidade, o que não se configurava em um apoio institucionalizado a esses contatos. Surgem, então, as redes acadêmicas que, institucionalizadas ou não, permitem o contato entre pesquisadores em projetos conjuntos. Elas se formam com propostas de estudo temáticos ou de cooperação para a pesquisa, capacitação docente e de recursos humanos.

A qualidade da elaboração e administração de projetos de cooperação técnica internacional constituem instrumentos importantes no processo de cooperação. Projetos de cooperação internacional ou de cooperação técnica guardam semelhanças com projetos tecnológicos executados no âmbito das empresas, porém com características peculiares, já que envolvem agências governamentais de diferentes países.

Cabe ressaltar que, tanto, as atividades de cooperação técnica tanto bilaterais, quanto multilaterais, constituem um importante recurso para o desenvolvimento, transferência e captação de fundos em prol de evolução econômica e social dos países em desenvolvimento.

Segundo Chermann (1999), há diferentes agências governamentais importantes para a cooperação internacional. Os protagonistas de intercâmbio permanecem sendo os professores e estudantes, mas os órgãos governamentais são responsáveis por desenvolver um perfil internacional, estendendo fronteiras e oferecendo possibilidades de programas atraentes e buscando alternativas de financiamento para atividades internacionais de instituições de ensino.

É importante que as Universidades tenham conhecimento de tais organismos e associações internacionais. Sugere-se que as mesmas, através de seus Escritórios ou Coordenadorias de Assuntos Internacionais, mantenham contato com tais organismos e associações, na busca de informações, financiamentos, enfim, contatos que possam servir ao desenvolvimento da instituição.

O surgimento de uma sociedade de interação, com valores claramente universais, requer o contato direto entre as pessoas para ampliar e aprofundar o entendimento entre os povos. O multiculturalismo, o intercâmbio, a diversidade, a cooperação, o respeito às diferenças e o diálogo são valores possíveis de se transmitir através da educação; não somente pela educação básica, mas também pela educação superior, como um laboratório constante, aberto a novas culturas. Nenhuma cultura, ou civilização, nem mesmo as de difícil permeabilidade, arraigadas em suas tradições, é incapaz de incorporar e adaptar elementos alheios.

Exportar e importar bens culturais, em culturas ou civilizações com fronteiras abertas aos meios de comunicação, portanto, não necessariamente se constituem, por si só, nas ações mais importantes nesse processo, apesar de muitas vezes essa comunicação favorecer relações de produção e consumo. Antes de tudo, é preciso preparar-se para a abertura às novas culturas, propiciando canais que facilitem agregação de conhecimentos e trocas de experiências.

Essa prática funciona como um laboratório de interação cultural na Universidade, através não só dos intercâmbios de estudantes, do desenvolvimento de projetos entre pesquisadores e da extensão e interação comunitária, como também da produção artística. A Universidade, detentora de paradigmas renovados e diversificados, ocupa uma posição de destaque na nova ordem mundial, que se redesenha como espaço do saber. Ela não pode passar incólume por esse fenômeno e deve ocupar uma posição de mediadora nesse contexto de tantas mudanças.

2.3 Um Processo de Internacionalização

Considerando os novos paradigmas, as novas tendências e a necessidade de se estar conectado a diferentes organismos e instituições de diferentes partes do mundo, as Universidades têm buscado se internacionalizar, inserindo-se no novo cenário. A globalização tem exigido não só a internacionalização de empresas privadas, mas de todos os tipos de instituições.

Para Luna (2000, p.8),

a inserção de uma universidade no cenário acadêmico internacional caracteriza-se como a expressão maior de sua plenitude. A universidade é uma instituição de criação, divulgação, crítica e promoção dos conhecimentos, das culturas e do saber universal.

As transformações atingem também as necessidades profissionais. As ferramentas de trabalho não são mais as mesmas, a globalização tem interferido substancialmente no desenvolvimento das atividades profissionais que, hoje, além de exigir conhecimentos especializados, também exige conhecimentos de generalista, além de um bom nível de conhecimento do comportamento e das relações humanas. A Universidade deve proporcionar ao estudante a oportunidade para que o mesmo possa se internacionalizar. Isso pode acontecer pela oferta de oportunidade para estudar em outro país, trazendo estrangeiros ao seu convívio no *campus*, proporcionando diferentes experiências internacionais que busquem por diferentes conhecimentos sobre culturas, línguas, etc.

Com a cooperação interuniversitária internacional, além do aprendizado com aulas e novas culturas, os estudantes têm oportunidade de formar uma rede de contatos internacionais, com professores que poderão tornar-se futuros orientadores de um mestrado, ou doutorado, ou com parceiros que poderão indicá-los à uma organização multinacional.

Enfim, os diferentes contatos proporcionarão aos intercambistas ter ligações/rede em diferentes partes do mundo.

Segundo Warmar (2001), nas últimas décadas do século XX, a economia mundial foi marcada pelo fenômeno da globalização decorrente da liberalização do comércio de bens e serviços. Neste contexto, o ambiente internacional que ora se apresenta é caracterizado pelo acirramento da competição e da cooperação em todos os níveis. O aproveitamento, por parte do Brasil, das oportunidades decorrentes da expansão cada vez maior do comércio internacional, dependente da competitividade de seus produtos, está diretamente relacionado com o desafio de sua capacidade de expandir a Cooperação Educacional ao nível demandado pelo novo cenário mundial.

A expressiva expansão do conhecimento necessário para manter o ciclo de inovação dinâmico em um país vem se tornando cada vez mais significativa, gerando um ciclo de vida de produtos cada vez mais curto e mais intenso em tecnologia, os quais também exigem um novo profissional. Desse modo, o paradigma tecnológico baseado na sociedade em rede e no conhecimento, constitui um marco para um recente modelo de cooperação educacional (WARMAR, 2001).

Como resultado, ciência e tecnologia demandam a Cooperação Educacional como vetor viabilizador estratégico de desenvolvimento econômico e social. A cooperação educacional é o meio para a geração de inovação tecnológica, que viabiliza a agregação de valor à produção, com a conseqüente geração de emprego e renda.

Assim, o Governo passa a atuar como facilitador de capacidades, estimulador de interações entre pessoas e processos e dinamizador de fluxos de informações e tecnologias para criar redes de colaboração e aprendizado, alianças estratégicas, parcerias entre pessoas e instituições e normas que possibilitam a coordenação e cooperação com o objetivo de criar mecanismos que estimulem e ampliem a capacidade de inovações e o desenvolvimento da sociedade do conhecimento tornando o aprendizado mais veloz, qualitativo e eficiente e facilitando a cooperação.

No campo de cooperação educacional, iniciativas não constituem monopólio do Estado, pois são também enriquecidos pela participação de toda a sociedade, em particular do setor produtivo, que busca, na formação de seus profissionais, o perfil mais adequado para enfrentar os desafios da globalização.

Warmar (2001), afirma que:

Os pesquisadores e estudantes brasileiros que realizam suas atividades fora do País representam potencial para desenvolvimento do Brasil, pois serão os propulsores do desenvolvimento futuro. Ao adquirirem novos conhecimentos, tornam-se os empreendedores da inovação na sociedade brasileira. Sua atuação constitui, portanto, elemento estratégico indispensável à inserção brasileira no mundo globalizado, bem como o principal mecanismo de agregação de valor ao setor produtivo do País, que busca gerar empregos qualificados e incrementar a renda em benefício da sociedade brasileira.

Como se pode observar pelo autor supracitado, a cooperação educacional tem relevante papel para o desenvolvimento da sociedade. Uma das mais significativas formas de cooperação educacional é o intercâmbio acadêmico interuniversitário, tendo em vista a formação multicultural e disciplinar proporcionada ao acadêmico que fará parte do desenvolvimento social.

2.4 Atividades de Um Escritório de Assuntos Internacionais

As Assessorias Internacionais de Universidades, normalmente, trabalham em conjunto com as demais instâncias da organização. É o setor responsável pelo acompanhamento das atividades internacionais.

Kennan e Vallé (1994) definem como compromissos de um escritório de assuntos internacionais de uma Universidade, atividades que fomentem, apoiem e promovam toda atividade internacional apropriada ao desenvolvimento da própria instituição, de seus partícipes e da comunidade maior. A Universidade toma, assim, a iniciativa de introduzir os membros da comunidade universitária em todo tipo de atividade internacional, desde que demonstrem capacidade e interesse para tanto. Apoiar tem o significado de administrar programas de intercâmbio de professores e estudantes; acolher estudantes estrangeiros e professores visitantes e providenciar serviços de apoio, como a acolhida de visitantes na Universidade. Promover tem o significado de divulgar interna e externamente, as atividades internacionais da Universidade. No campo interno, a mesma deve estimular o interesse da comunidade acadêmica para participar de novas iniciativas no exterior; no campo externo deve acentuar a própria imagem perante organismos internacionais ligados a outras Universidades.

A respeitada Organização Universitária Interamericana orienta as Universidades a terem um escritório internacional em suas sedes, objetivando um melhor aproveitamento dos recursos internacionais de educação. Sugere também um determinado quadro de recursos humanos, que seria o de diretor, assistente administrativo, encarregado de projetos, encarregado de serviços de informação, conselheiro para estudantes internacionais, coordenador de programas de intercâmbio, encarregado financeiro e secretaria. Este seria o quadro do setor internacional, que estaria ligado hierarquicamente ao vice-reitor de investigação que, por sua vez, é ligado ao reitor (KENNAN e VALLÉE, 1994, p. 11-12).

3 UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

3.1 A Universidade

A Universidade Federal de Santa Catarina foi criada em 1960, reunindo as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Ciências Econômicas, Serviço Social e Escola de Engenharia Industrial, sendo oficialmente instalada em 12 de março de 1962.

A UFSC possui 57 Departamentos e 2 Coordenadorias Especiais, os quais integram 11 Unidades Universitárias. São oferecidos 39 Cursos de Graduação com 52 Habilitações nos quais estão matriculados 38.323 alunos. Oferece ainda, 26 cursos de Doutorado, 104 cursos de Mestrado e 88 Especializações.

Dentro de sua estrutura consta o Escritório de Assuntos Internacionais - ESAI, órgão vinculado ao Gabinete do Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, é o setor responsável pelas relações internacionais desta Universidade, tendo por objetivo maior atender os diversos setores nas atividades de natureza acadêmica, técnico-científica, cultural, administrativa, inclusive financeira, que envolvam entidades estrangeiras. Neste contexto, o ESAI atua, primordialmente, como uma entidade de apoio, um órgão-meio da Administração da UFSC, sendo responsável por tarefas de apoio, controle e estímulo para incremento das relações de intercâmbio e cooperação. Outrossim, o ESAI atende a uma intensa demanda por informações relacionadas a intercâmbio internacional, tanto por parte do público interno, como do público externo.

A UFSC assinou o seu primeiro convênio em 1970, proposto pelo Professor David Ferreira Lima, 1º Reitor, com a FUPAC - Federação de Universidades Privadas da América Central (Guatemala, Honduras, Nicarágua, San Salvador, Costa Rica e Panamá). O Convênio foi assinado em sessão solene, em Guatemala, com a presença de autoridades Guatemaltecas, do Embaixador do Brasil e dos diretores dos jornais da Guatemala.

3.2 Tipos de convênio

Na UFSC o convênio de cooperação internacional interuniversitário é realizado de 02 formas:

- Convênio específico - que já definem o interesse entre os Departamentos, na UFSC e na Instituição parceira;
- Acordo de Cooperação, também chamado “Convênio-chapéu” – tem objetivos amplos e prevê o estabelecimento de programas em áreas a se definir mediante projetos ou planos de trabalho, que serão objeto de aprovação posterior.

Em ambos os casos, pode-se ampliar a área de atuação ou detalhar as atividades através de Termos Aditivos.

Conforme sua origem, os Convênios podem ser classificados como:

- De iniciativa da UFSC - do Departamento ou da Unidade;
- De iniciativa externa – interesse a partir da instituição estrangeira.

Ambos são encaminhados ao Escritório de Assuntos Internacionais - ESAI/UFSC, que analisa e acompanha todo o processo de tramitação interna e externa.

Atualmente a Universidade Federal de Santa Catarina, mantém ativos 168 convênios com 37 países.

Quadro 01 – Relação de países que possuem Universidades conveniadas a Universidade Federal de Santa Catarina.

- Alemanha	- Estados Unidos	- Paraguai
- Argentina	- França	- Peru
- Áustria	- Ghana	- Polônia
- Bélgica	- Holanda	- Portugal
- Bolívia	- Inglaterra	- República Dominicana
- Canadá	- Itália	- Rússia
- Chile	- Japão	- Suécia
- China	- Marrocos	- Suíça
- Colômbia	- México	- Tailândia
- Costa do Marfim	- Moçambique	- Uruguai
- Costa Rica	- Nicarágua	- Venezuela
- Cuba	- Noruega	- Vietnã
- Espanha	- Panamá	

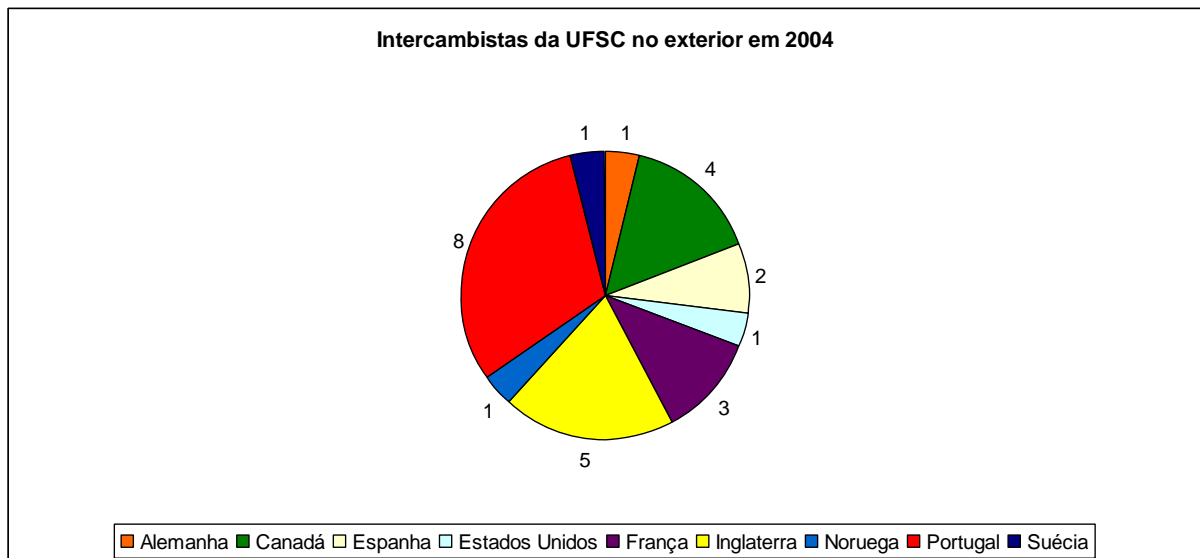
Fonte: ESAI/UFSC 2004.

3.3 A cooperação acadêmica internacional da UFSC em números

Em 2004, de janeiro a setembro, foram encaminhados pelo ESAI, 26 alunos a 9 países, 1 estudante para Alemanha, 4 para o Canadá, 2 para Espanha, 1 para os Estados Unidos, 3 para a França, 5 para a Inglaterra, 1 para Noruega, 8 para Portugal e 1 para Suécia (ver gráfico 1).

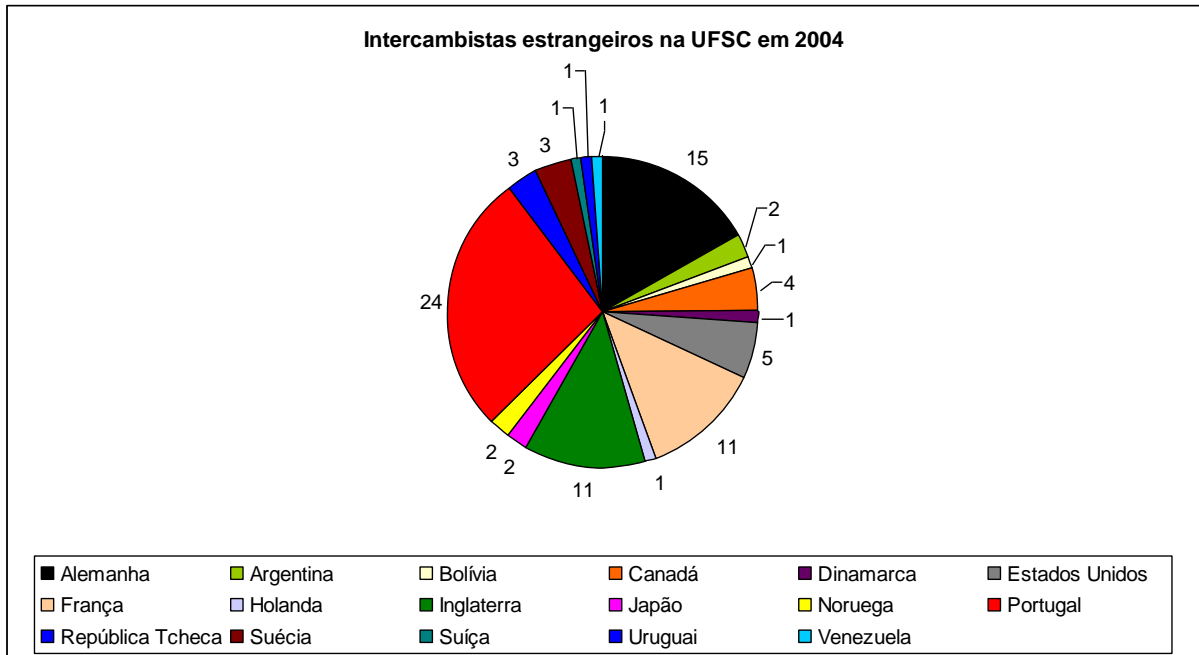
A UFSC neste mesmo período recebeu 88 estudantes de 17 diferentes países, como melhor pode-se observar no gráfico 2.

Gráfico 01 – Número de intercambistas da UFSC em Universidades estrangeiras em 2004.



Elaboração: Álvaro Souto.

Gráfico 02 – Número de intercambistas estrangeiros na UFSC em 2004.



Elaboração: Álvaro Souto.

Ao analisar os dados de 2001, 2002, 2003 e 2004 do Escritório de Assuntos Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, constata-se significativo crescimento tanto no número de estrangeiros na UFSC quanto de intercambistas da UFSC no exterior. Observa-se, no entanto, um maior número de estudantes estrangeiros vindo a UFSC em relação a alunos da UFSC indo ao exterior. Outro dado interessante e que chama atenção é o crescimento do número de estudantes da UFSC no exterior, 2 em 2003 e 26 em 2004, ou seja, crescimento de 1200%.

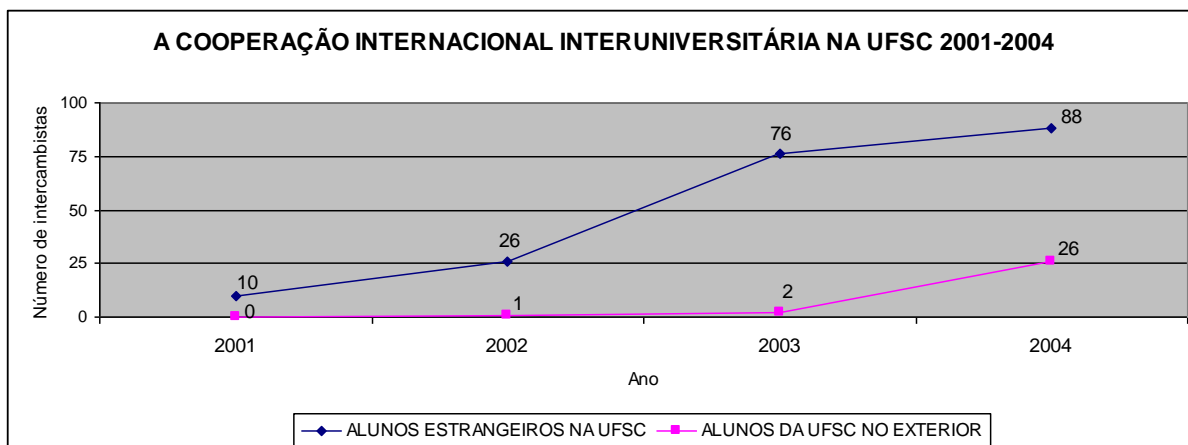
Confira os detalhes no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 02 – Número de intercambistas de Universidades estrangeiras na UFSC e número de intercambistas da UFSC em Universidade estrangeiras – dados de 2001 à setembro de 2004.

A COOPERAÇÃO INTERUNIVERSITÁRIA INTERNACIONAL NA UFSC 2001-2004		
Ano	Alunos estrangeiros na UFSC	Alunos da UFSC no exterior
2001	10	0
2002	26	1
2003	76	2
2004	88	26

Fonte: ESAI/UFSC 2004.

Gráfico 03 – Número de intercambistas de Universidades estrangeiras na UFSC e número de intercambistas da UFSC em Universidade estrangeiras – dados de 2001 à setembro de 2004.



Elaboração: Álvaro Souto.

Apresenta-se aqui duas hipóteses que obriga maiores estudos para serem constatadas. Que além da inquestionável qualidade dos cursos, o número de estrangeiros na UFSC é impulsionado pela desvalorização da moeda nacional em relação à estrangeira; que o crescimento dos alunos da UFSC em programas de intercâmbio está sendo influenciado pelo grande número de estrangeiros intercambistas que nos dois últimos anos tem circulado no campus da Universidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como retorno a cooperação interuniversitária internacional traz o desenvolvimento de atividades científicas e tecnológicas e beneficia a colaboração nas áreas de mútuo interesse. Identifica oportunidades para intercâmbio de docentes e pesquisadores, bem como permite aos estudantes, capacitados e interessados, seguirem estudos de curta duração na instituição parceira. A pesquisa é o principal veículo e contribui para o aperfeiçoamento do corpo docente e qualificação de cursos.

Na área de extensão, as universidades brasileiras não só procuram o aperfeiçoamento, mas também oferecem serviços de igualdade com seus parceiros.

Não se tem dúvida de que, com as novas tecnologias, com os novos paradigmas, e com a globalização, o mundo tornou-se mais competitivo e mais exigente. Vive-se num contexto cada vez mais universalizado, não se podendo mais pensar em termos exclusivamente regionais, mas sim no mundo. O concorrente ou o parceiro pode estar instalado a seu lado como do outro lado do mundo, já que o mesmo não possui mais fronteiras. A questão a ser analisada aqui é tanto o diferencial das universidades, como o diferencial das pessoas formadas por elas. Cabe à Universidade continuar seguindo as novas tendências, aprimorando e ampliando seus programas de cooperação internacional.

Velocidade, adaptação, flexibilidade e capacidade contínua de aprendizagem, estão ligadas ao dia-a-dia das instituições e profissionais de sucesso. Por esta razão, é que se recomenda investir, no que for necessário, para buscar as ferramentas e os meios necessários para a formação adequada de pessoas e profissionais diferenciados.

5 REFERÊNCIAS

- A internacionalização das universidades na era do conhecimento. REUNIÃO ANUAL DO FÓRUM DAS ASSESSORIAS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS PARA ASSUNTOS INTERNACIONAIS/FAUBAI, (11: 2000) Belo Horizonte. **Anais da Reunião Anual do FAUBAI**. Belo Horizonte: FAUBAI, 2000.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Agência brasileira de cooperação técnica**. Brasília. Disponível em: <<http://www.abc.mre.gov.br>>. Acesso em: 18/04/2001.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Agência de cooperação científica e tecnológica**. Brasília. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em: 18/04/2001.
- CHERMANN, Luciane de Paula. **Cooperação Internacional e Universidade: Uma nova cultura no contexto da globalização**. São Paulo: Educ, 1999.
- ESCRITÓRIO de Assuntos Internacionais da UFSC. **ESAI**. Disponível em: <http://www.ufsc.esai.br>. Acesso em: 05/10/2004.
- GALBRAITH, Jay R. **Organizando para competir num futuro: estratégia para gerenciar o futuro das organizações**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- KEENAN, Frederick J.; VALÉE, Lionel. **La gestión de los asuntos internacionales en la universidad**. 2. ed. Canadá: IGLU, 1994.
- LUNA, José M. F. de. **Internacionalização universitária**. Monografia de conclusão de Curso de especialização em Administração de Universitária. Universidade Católica de Goiás – ULG/ OUI – CRUB, 2000.
- MARCOVITCH, Jaques (org.). **Cooperação internacional: estratégia e gestão**. São Paulo: Edusp, 1994.
- MARCOVITCH, Jacques; BEIRÃO, Maria S. (editores). **Gestão da cooperação internacional: experiências e depoimentos**. São Paulo, 1993.
- MATOS, Francisco G. de. **Estratégia de empresa: profissionalizada, descentralizada, moderna e humana**. São Paulo: Makron Books, 1993.
- RODRIGUES, Marta J. G., FREITAS, Jadison da S. **A cooperação internacional: projetos, instituições e mecanismos**. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- STELZER, Joana. Relações internacionais e corporações transnacionais: um estudo de interdependência à luz da globalização. In: OLIVEIRA, Odete M. de (Org.). **Relações internacionais e globalização: grandes desafios**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1999.
- UNIVERSIDADE do Vale do Itajaí. **Coordenadoria de assuntos internacionais**. Itajaí.
- UNIVERSIDADE Federal de Santa Catarina. **UFSC**. Disponível em: <http://www.ufsc.br>. Acesso em: 05/10/2004.
- Disponível em: <<http://www.univali.br>>. Acesso em: 25/05/2001.
- VASCONCELOS, Eduardo; POLO, Edson F. Adquirindo competitividade através da descentralização. In: MARCOVITCH, Jaques (Org.). **Cooperação internacional: estratégia e gestão**. São Paulo: Edusp, 1994.
- VILELA, Edson. In: **O diálogo e a cooperação entre as Universidades do MERCOSUL**. Itajaí: UNIVALI, 1994, p.16.
- WARMAR, Zuhair. **Cooperação Educacional**. Brasília. Ministério das Relações Exteriores, Divisão de cooperação internacional. Disponível em: <<http://www.cer.mre.gov.br>>. Acesso em: 23/04/2001.